

JAIME RIO-MIRANDA ALCÓN

**VIVIR EN UNA CIUDAD ROMANA  
CÁPARRA (Norte de Cáceres)**

© Jaime Rio-Miranda Alcón  
e-mail: jriomiranda@outlook.es caparra@caparra.es  
<http://www.caparra.es>

Maquetación del texto: El Autor  
Foto portada y composición: © El Autor

Edita:  
ISBN: 978-84-09-67840-2  
Depósito legal: M-5257-2025

Imprime: Imprimelibros.com

Impreso en España / Printed in Spain

No está permitida la reproducción total o parcial de este libro, ni su tratamiento informático, ni la transmisión de ninguna forma o por cualquier medio, ya sea electrónico, mecánico, por fotocopia, por registro u otro medio, sin el permiso previo y por escrito de los titulares del Copyright

# PROLOGO

*Desvendar a alma duma cidade romana*

Apesar de ter preparado uma edição com 500 páginas, confessa Jaime Rio-Miranda Alcón: «Muito fica ainda por explicar», na medida em que estamos longe de ter ao dispor a panóplia informativa de que Robert Étienne pôde servir-se para o seu *A Vida Quotidiana em Pompeia* livro (1<sup>a</sup> edição francesa, 1966).

Pompeia morreu de um momento para o outro, salvaguardada por espesso manto de lava; Cápara foi morrendo aos poucos: abandonada pelos habitantes, viu as suas pedras serem levadas para outras construções, os telhados das suas mansões soçobraram, os ventos foram derrubando estruturas e tudo começou a ficar longamente sepultado sob as terras, sem que dela houvesse senão memória escassa.

«En Cáparra», lamenta-se Jaime Rio-Miranda Alcón, «tan solo conocemos las excavaciones de las termas, un foro, donde no había nada, sino restos de una supuesta triada. Si, sabemos que el templo central estuvo dedicado a Júpiter, ya que, antes de las excavaciones, se halló un pie de tamaño natural, que supuestamente sería de una estatua de bronce de Júpiter. Y un templete dedicado a la diosa *Trebaruna*, templo añadido después de la remodelación del foro en época Flavia.»

E acrescenta:

«Una *domus* también con remodelaciones del siglo III, y otro barrio en el *cardo – decumanus*, del siglo I con restauraciones del siglo III. Y las puertas del amurallamiento oeste (sin terminar su excavación) y la puerta sur. La necrópolis destruida parcialmente por el complejo museístico y la excavación de 2015 del anfiteatro».

Alguns vestígios arqueológicos, não há dúvida, que possibilitarão, quiçá, daqui a algum tempo, que digitalmente venha a recriar-se o que foi a estrutura urbanística da cidade em todo o seu esplendor, esquecida já do tempo em que não passara de ser a *mansio Caepera* erguida na milha CX, a fim de dar guarida aos muitos viandantes que percorriam a enorme *Via de la Plata*.

Dir-se-á, no entanto, que não é tanto pela ‘ressurreição’ física da sua cidade que o Autor decidiu seguir. Apreciou, é bem de ver, descobrir estruturas arquitectónicas; contudo, cedo se terá deixado seduzir pela descoberta do Homem que lhes estás por detrás, de quem por ali passeou e fez política e adorou divindades. Como seria o seu

quotidiano? Que uma cidade só ganha relevo se lograrmos imaginar como é que ali se vivia.

«En este trabajo me he basado en mucha información de tantos trabajos sobre el mundo romano, costumbres, leyes, dichos, actividades de artesanos, y al comienzo dedico unas páginas a la vía de la Plata y sus mansiones en el territorio de Extremadura» – explica Jaime Rio-Miranda Alcón.

### Uma vida!

Por isso, esta não é uma obra expressamente sobre Arqueologia. Por ela se passa mais como o curioso que tudo pretende saber e, de facto, o Autor quer saciar-lhe a curiosidade, não há praticamente nenhum aspecto que – munido precisamente das referidas leituras e ilustrando tudo com mui adequadas imagens – tenha sido esquecido aqui: os banhos, a alimentação, a criação de gado, o fabrico do pão, a preparação do vinho e do azeite, os sistemas de lavandaria, tinturaria e tecelagem, os adornos, os trabalhos campestres...

Sentimos, claro, por detrás de tudo isso, o Homem e quiçá ocorra perguntar: quem era o Romano que viveu em Cápara? Romano só não seria, importa esclarecer desde já, porque a comunidade englobava também os indígenas, que pouco a pouco se foram aculturando, de tal modo que, dois séculos passados, já os costumes se haviam mesclado de tal sorte que difícil seria descobrir-lhes a verdadeira origem. Aliás, não se disse que a divindade principal do templo sobranceiro ao fórum, no coração da urbe, fora dedicado à divindade maior, Júpiter com seus epítetos de Óptimo e Máximo? E não havia também o culto a *Trebaruna*, a divindade que os indígenas para ali haviam trazido e adoravam com idênticos rituais?

Atenção particular mereceu ao Autor a família. Compreende-se porquê: porque, entre os materiais exumados havia, sim, os utensílios domésticos, as alfaias agrícolas, algumas armas; havia, contudo, um outro testemunho ainda mais duradouro: as pedras gravadas com letras a perpetuar nomes e gestos, mas, de modo especial, a salvar os nomes do esquecimento! Pelo nome se ficava a conhecer a categoria social, o estatuto, porventura até a naturalidade e, sobretudo, os sentimentos. Esses letreiros contavam histórias, contavam a história de homens, mulheres e crianças; revelavam as oferendas feitas aos deuses, as festividades que se organizavam e quem as quisera patrocinar. Enfim, uma vida! Com o especial privilégio de termos à mão o escrito como ele fora pensado e feito há dois mil anos, como nascera do desejo do promotor e saíra da mão do canteiro que a soubera afeiçoar.

Largas dezenas de inscrições nos falam das gentes de Cápara, Permite-se-me que apenas refira uma, a título de exemplo, uma a que o Autor também dedicou especial atenção. É um epítápio, em Latim, que diz o seguinte, traduzido livremente para língua portuguesa:

*Aos Petrónios, Capitão e Severo, pai e filho – os vizinhos, num acto piedoso e feliz, trataram de mandar erguer, a expensas suas. Foi, porém, cuidadora a esposa, Prócula. Que a terra te seja leve!*

Escusado será dizer que se sente aqui toda a envolvência duma população perante a tristeza da morte dum pai e dum filho. Organizaram-se, quotizaram-se – espontaneamente para este caso ou poderia já haver na cidade uma corporação, organizada, de benemerência.

Aqui, no entanto, há duas palavras que nos levam a afastar a benemerência, como nós a entendemos hoje. É que os vizinhos se declaram ‘piedosos’ e ‘felizes’. E se o qualificativo ‘piedoso’ se comprehende, porque dar sepultura constitui sempre um acto piedoso, já proclamar felicidade perante a morte de alguém pode, na verdade, parecer absurdo. Aqui, todavia, a felicidade não se refere à morte mas sim à vida, ao privilégio que foi para os vizinhos terem gozado da presença desta família. De resto, *¿não são pius e felix* os adjetivos que, século III em diante, os imperadores vão querer ver inscritos nos seus títulos?

Amiúde se considera ultrapassado quanto aos remotos tempos se refere, na presunção de que nada, hoje, se prende com gestos ou ideias d'outrora. Nada mais errado! O crente de há dois mil anos fazia uma promessa à divindade e não se esquecia de lhe garantir que a fizera de livre vontade, *libens animo*, porque bem sabia que só essa liberdade seria devidamente compensada. Ontem, como hoje.

Por isso, ao deambularmos, com Jaime Rio-Miranda Alcon, por estas veredas da história caparense, não será difícil imaginar a nosso lado a toga creme dum romano ou o roçagante e amplo vestido de uma jovem a docemente presentear-nos com flores de madressilva que naquele valado colhera!...

Profesor catedrático, aposentado, de Historia e Arqueologia. Universidade de Coimbra.

*José d'Encarnação*

Cascais, 10 de Fevereiro de 2025